



Nos

DOSSIÊ

Artes, estéticas e
representações
Indígenas

REVISTA

CULTURA, ESTÉTICA & LINGUAGENS
VOL. 07, Nº 02 - 2º SEMESTRE - 2023

ISSN 2448-1793



Apresentação

por *Poliene Soares dos Santos Bicalho*
e *Carlos Benítez Trinidad*

<https://doi.org/10.5281/zenodo.8377413>

Carlos Benítez Trinidad



Historiador, mestre em Estudos Latino-americanos pela Universidad de Sevilla e doutor em História de América Latina pela Universidade Federal da Bahia / Universidad Pablo de Olavide. Fundador e membro do Conselho Editorial da Revista-Rede Iberoamérica Social. Atualmente, seus principais interesses de pesquisa são: o poder simbólico dos povos indígenas durante a ditadura; as heranças coloniais no imaginário contemporâneo brasileiro.

Poliene Soares dos Santos Bicalho



Possui graduação e mestrado em História pela Universidade Federal de Goiás; doutorado em História Social pela Universidade de Brasília; e Pós-doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de Brasília. Atualmente é professora titular da Universidade Estadual de Goiás.

DOSSIÊ ARTES, ESTÉTICAS E REPRESENTAÇÕES INDÍGENAS

A diversidade indígena no Brasil e no mundo é fato inquestionável, além de representativa cultural e socialmente, em vários aspectos. Nesse sentido, podemos falar da existência de diversas artes e estéticas indígenas, com inúmeras expressões entre povos e culturas; além de diferentes abordagens de pesquisas produzidas por indígenas e não indígenas quanto às artes, estéticas e representações socioculturais. Sob a perspectiva indígena, ressalta Lúcia Hussak van Velthem, falar em artes e estéticas (sempre no plural quando se tratar de povos indígenas),

...requer a consideração de um conjunto muito amplo de técnicas, materiais, práticas, conceitos, representações que participam estreitamente das dimensões da vida cotidiana e das práticas rituais. O que o pensamento ocidental entende como arte não encontra correspondente nas sociedades ameríndias e, assim, sua definição e circunscrição, para ser bem sucedida, deve ser efetivada em primeiro lugar por seus criadores e produtores. Entender as estéticas indígenas requer a aceitação de seus próprios termos, a consideração de como os Wayana, Wajãpi, Kuikuro, Munduruku, Baniwa, Desana, Araweté, Xikrin, Karajá, Tariana, EneweneNawe e muitos outros a vivem (*In: DAMIÃO & BRANDÃO, 2019, p. 15*).

Para tanto, entendemos que falar em artes indígenas requer uma percepção teórica e metodológica própria, e que seja capaz de conceber arte e estética a partir de referenciais e perspectivas distintas daquelas comuns ao universo eurocêntrico. Ou seja, demanda o deslocamento de nossas próprias convicções e visões de mundo, para somente então compreender como o outro diferente de nós enxerga o ato de transformar coisas, matéria e espírito, em outras coisas repletas de novos sentidos e sensações imbuídas de beleza, inquietação, angústia, prazer, revolta, medo, deleite, intencionalidade, funcionalidade etc. Nesse sentido, os estudos culturais e pós-coloniais, que se propõem à ruptura com os paradigmas teóricos ocidentais clássicos, com vistas à produção de conhecimentos fincados em nossas próprias realidades, alicerçam as reflexões que norteiam os artigos que compõem este Dossiê. Compactuamos, assim, com a visão de Castro-Gómez e Grosfoguel (2007, p. 21):

En efecto, la ciencia social contemporánea no ha encontrado aún la forma de incorporar el conocimiento subalterno a los procesos de producción de conocimiento. Sin esto no puede haber descolonización alguna del conocimiento ni utopía social más allá del occidentalismo. La complicidad de las ciencias sociales con la colonialidad del poder exige la emergencia de nuevos lugares institucionales y no institucionales desde donde los subalternos puedan hablar y ser escuchados. **Es en este sentido, siguiendo a Nelson Maldonado-Torres (2006), que hablamos de un 'giro decolonial', no sólo de las ciencias sociales, sino también de otras instituciones modernas como el derecho, la universidad, el arte, la política y los intelectuales.** El camino es largo, el tiempo es corto y las alternativas no son muchas. Más que como una opción teórica, el paradigma de la decolonialidad parece imponerse como una necesidad ética y política para las ciencias sociales latinoamericanas. (Grifos nossos)

A partir desse pressuposto, o **Dossiê Artes, Estéticas e Representações Indígenas e sobre Indígenas** foi pensado com o objetivo de receber artigos, ensaios e resenhas que se debruçassem sobre os mais diversos temas inerentes às três categorias básicas presentes no título do Dossiê – Artes, Estética e Representações –, tais como: Etnofotografia; Autorias Indígenas; Literatura Indígena; Audiovisual Indígena; Sensibilidades Indígenas; Representações Indígenas; Arte, Política e Movimentos Indígenas; entre muitos outros assuntos que se conectem com a proposta em tela, em diferentes tempos e espaços.

Ao todo, o Dossiê comporta uma entrevista, um ensaio e nove artigos. A entrevista foi nos cedida, generosamente, pela professora Els Lagrou, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, referência nos estudos relativos às artes e estéticas indígenas no Brasil. Sua entrevista localiza o leitor no tema geral proposto pelo Dossiê, perpassando aspectos teóricos e metodológicos da Antropologia da Arte; a importância das artes indígenas para a emancipação do pensamento sobre arte e estética em nossa sociedade, com vistas ao reconhecimento da diferença; e a trajetória de formação e consolidação deste campo do saber. Diante das reflexões de Lagrou, as epistemologias e estéticas indígenas podem ser tomadas como ferramentas interculturais de potencial compreensão holística de um mundo cada vez mais degradado e esgotado.

O ensaio escrito por Kamutaja Silva Āwa – pedagoga pela Universidade Federal do Tocantins (UFT) e presidente da Apãwa (Associação do Povo Āwa) – resulta de uma breve reflexão sobre os desenhos produzidos pelo artista indígena autodidata *JawanawaBaidjawariĀwa*, seu sobrinho. Em suas palavras, “Jawanawa nasceu com o dom do *ipajé* e tem a sensibilidade de ver pessoas que já se foram”; além de alcançar com sua arte dois importantes objetivos: “a resistência do povo Āwa” e a “própria relação das pessoas que estão em torno do artista e as suas representações”.

Vânia Perrotti Pires Graziato e Giovani José da Silva nos presenteia com um artigo intitulado “Produção de cerâmica na reserva indígena Kadiwéu: artefato de arte? arte de fato?”, que atualiza aspectos importantes da arte em cerâmica do povo *Kadiwéu* como uma expressão do ser próprio, a partir de uma pesquisa que tem por objetivo verificar como esta produção é apresentada nos registros que há sobre este povo desde o final do século XIX até a atualidade. O estudo abarca desde a coleção etnográfica de Guido Boggiani, naturalista e explorador italiano (1892 e 1897), até a coleção que o Darcy Ribeiro reuniu na convivência com os *Kadiwéu* (1947 / 1948), para fechar com algumas coleções particulares recolhidas no início do século XXI.

No artigo “Cabeça de peixe é bom pra memória”: retomada na obra de Moara Tupinambá a análise aborda os tensionamentos que a arte indígena cria com os padrões eurocêntricos de Arte e propõe uma reflexão a partir da noção de decolonialidade como chave de leitura que tenha mais coerência com a produção estética de uma artista indígena. A partir desta opção teórica, Leandro Raphael de Paula e Jane Marques analisam detidamente a trajetória pessoal e profissional da artista indígena Moara Tupinambá e a sua obra “Cabeça de peixe é bom pra memória” em específico.

Em “É índio que chama? Performances visuais na escola indígena Maria Venância”, o povo indígena Tremembé de Almofala, do litoral do Ceará, foi o escolhido pela autora para realização de sua pesquisa de doutorado em Antropologia. Após uma

incursão etnográfica de dez meses na comunidade, Janaína Ferreira Fernandes produziu um ensaio fotográfico como objetivo de trazer para debate as imagens e auto-imagens da etnicidade indígena e o que ela implica social, política e historicamente para as populações que a reivindicam.

O povo Paumari do Amazonas e a reflexão sobre a sua música compõem o mote de análise do artigo “Dos rituais e espíritos: reflexões sobre a música Paumari”, escrito por Larissa Lacerda Menendez, Ana Carolina Amorim Oliveira e Ricieri Carlini Zorzal, a partir dos rituais tradicionais de iniciação feminina. A metodologia consiste em análise bibliográfica e relato etnográfico, e as principais referências teóricas abordam estudos da etnomusicologia e os estudos críticos decoloniais.

O artigo “Contra-narrativas indígenas nas canções de Kaê Guajajara” tem por objetivo analisar a vida e a obra da indígena, cantora e multiartista Kaê Guajajara, através do conceito de contra-narrativas indígenas (Demarchi, 2020) presentes em suas canções. Para tanto, Maria Medeiros e André Luiz Campanha Demarchi fazem uma breve biografia da rapper Kaê Guajajara, que é apresentada com o intuito de compreender o contexto em que a artista está inserida; e, em seguida, analisam a sua trajetória de vida e importante contribuição para a luta dos povos originários, por consequência.

A Literatura Indígena e o seu papel nos espaços educativos são temas centrais do artigo “O papel do professor de língua portuguesa na mediação e compreensão de Literatura Indígena Brasileira”, Vanessa *Hãtxu* de Moura Karajá, Marcele Batista Cunha e Maria Célia Gomes de Souza realizam uma abordagem histórica e conceitual da Literatura Indígena, além de analisar criticamente as categorias literaturas indianista, indigenista e indígena no Brasil; na continuação, são propostas algumas reflexões sobre a importância do tema e o protagonismo docente como difusor desta literatura na escola.

Apresentação

Buscar nas expressividades artísticas do povo Kayapó do Sul a sensibilidade que desperta o encanto e ajuda na redução da ignorância e dos preconceitos em relação aos povos originários brasileiros é o objetivo principal do artigo “Expressividades artísticas dos Kayapó do Sul sob o olhar dos viajantes Pohl e Saint-Hilaire”, escrito por José Eduardo Alcântara Lima e Poliene Soares dos Santos Bicalho a partir das contribuições dos viajantes Saint-Hilaire e Emanuel Pohl, em cujas narrativas identificou-se aspectos das expressões artísticas dos Kayapó do Sul, em matéria do que aqui denominamos de artes e estéticas indígenas.

O aporte teórico-epistemológico da Interculturalidade Crítica (ou Decolonialidade) é a espinha dorsal do artigo “Povos indígenas, orientações curriculares e manual do professor de história: estreitando o olhar no ano do Bicentenário da Independência do Brasil”, de Ordália Cristina Gonçalves Araújo, no qual, a partir de uma leitura crítico-analítica dos textos da BNCC, reflete sobre os debates contemporâneos em relação à diversidade cultural no Brasil e às histórias indígenas (in)visibilizadas nos currículos escolares e aponta para a necessidade de reescrita das histórias produzidas.

No artigo “O perigo indígena na fundamentação do discurso da decadência na conquista do Sertão de Amaro Leite, no Século XIX”, Maria Juliana de Freitas propõe uma reflexão sobre a conquista dos povos indígenas, através de narrativas acerca da Província de Goiás, relacionando-a ao fim da crise econômica. Ressalta-se que os povos indígenas estavam presentes nas diversas localidades e grupos sociais, inclusive no Sertão de Amaro Leite, e o modo como o discurso da decadência foi elaborado impactou diretamente os povos indígenas que ali habitavam, e possibilitou a conquista do seu território.

Desejamos uma boa leitura!



Consumida

Mista sobre tela e assemblage de memória
Retalhos de tecido e de renda - 2017 - 0,80 x 0,90 cm